

### ANACOLUTO

Do latim *anacoluthus*, em grego *anakólouthos* — «que não segue», «que não tem companheiro» (*ana*-«contra» ou «para trás» + *akólouthos* — «companheiro de caminho»).

1. Consiste em abandonar a construção gramatical que numa oração se vem seguindo para formar uma outra construção inconsequente em relação ao início dessa oração. Exemplo: O livro de cheques, olha que já te tinha dito para não o esqueceres, em vez de, p. ex.: Olha que te disse que nos íamos esquecer do livro de cheques. A ruptura da construção sintáctica deve-se, em muitos

casos, a uma mudança repentina do pensamento, na origem da qual está a pressa ou a emoção; daí que o discurso se materialize mais de acordo com essa mudança de pensamento do que com as regras fixadas pela tradição gramatical. Deste modo, o anacoluto é perspectivado como uma inópia, pobreza da capacidade de dominar as estruturas linguísticas e discursivas, ou do ponto de vista gramatical, como um solecismo, i. é, um erro de sintaxe. Segundo as gramáticas normativistas, o A. devia ser evitado pelas pessoas que pretendem um uso correcto (falado ou escrito) da língua.

2. Muitos autores apresentam o A. como um traço caracterizador da língua falada, por oposição à língua escrita que deverá ser mais cuidada. É frequente no registo oral começar-se uma frase de uma maneira e acabar-se de outra. Encontram-se com frequência exemplos de A. nos provérbios populares. Exemplo: «Carneiro, filho de ovelha, não erra quem o semelha.»

3. Como recurso estilístico o A. pode surgir nos textos literários com o propósito de produzir ênfase. A quebra de continuidade da frase vai chamar a atenção do leitor para determinadas palavras que assim adquirem mais força expressiva. Exemplo: «Eu, que cair não pude neste engano / (Que é grande dos amantes a cegueira), / Encheram-me, com grandes abundanças, / O peito de desejos e esperanças.» Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, 54.

É habitual este recurso quando, para dar conta de determinados estados de espírito das personagens, o narrador recorre ao monólogo interior onde, por meio do transvasar da corrente de consciência, se observa a desconexão e a incoerência discursiva. Exemplo: «E numa parede, suspenso de um prego — meu Deus. Oh, não sofras — o chapéu de palha de Sandra. É um chapéu de grandes abas flexíveis, uma fita azul de pontas cruzadas e suspensas — não sofras. Da cor do céu no teu cabelo, mas comover-me não.» Vergílio Ferreira, *Para Sempre*.

Aparece ainda com frequência quando em certos textos ao pretender reproduzir-se a especificidade da língua falada se procuram transmitir aspectos da oralida-

de que se prendem com o discurso interrompido; concretamente quando, em especial nos textos narrativos, se trata da caracterização de determinadas personagens, p. ex., em situações de diálogo.

*Carlos Mendes de Sousa*